

Acordo da dívida pode trazer

CORREIO BRAZILIENSE

investimentos

Luiz Adolfo Pinheiro

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, informou ao **CORREIO BRAZILIENSE** que o Brasil espera muito do diálogo que será realizado no final do mês em Luxemburgo, entre as doze nações da Comunidade Econômica Européia e as 11 que integram o chamado "Grupo do Rio", que coincide com o número da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi).

Outro aspecto do diálogo Europeu-latino-americano destacado pelo chanceler é o que se realiza, atualmente, entre países da América Latina e do Leste europeu, inclusive a União Soviética. Esse intercâmbio já produziu dois encontros, em Budapeste e em Nova Iorque e deverá intensificar-se no futuro, pela coincidência de interesses.

Segundo Rezek, esse novo diálogo Europa-América Latina é um fato de grande significado para os países latino-americanos. No caso da CEE, que reúne as nações mais ricas da Europa, trata-se de ampliar as relações em todos os níveis, desde que se reuniram com o Grupo do Rio pela primeira vez, em Dublin, na Irlanda.

Quanto aos países do Leste

Europeu, Rezek apontou três grandes identidades que aproximam as nações latino-americanas das antigas nações socialistas europeias: 1 — O desejo de enterrar o passado recente autoritário; 2 — o desejo de ampliar e fortalecer a livre iniciativa; 3 — a ojeriza a todos os blocos e formas de poder político congelado pela antiga Guerra Fria.

Rezek citou que os próprios soviéticos participam desses encontros e também deixam claro que estão contra o congelamento de poder que existia no passado e do qual foram beneficiários, juntamente com os Estados Unidos. Agora os russos consideram isso uma página virada e querem encontrar novos caminhos de relacionamento e novas formas de colaboração.

A propósito o chanceler brasileiro apontou a falência da teoria de que, com a queda do muro de Berlim e dos regimes socialistas do Leste Europeu, os capitais internacionais afluiriam em massa para aquela região, em detrimento da América Latina. "Nada disso aconteceu", recorda Rezek, "simplesmente porque aqueles países europeus do Leste não estão ainda aptos a lidar com investimentos estrangeiros maciços e nem com uma economia de mercado".

Está o ministro convencido de que, após o acordo da dívida externa acertado pelo Brasil com os países devedores, os investimentos estrangeiros tomarão novamente o rumo da economia brasileira dentro de muito pouco tempo. A propósito, Rezek não considera que haja maiores problemas atuais nas relações do Brasil com os Estados Unidos. "Nossas relações são normais e corretas, à parte da dívida externa, que as autoridades do primeiro escalão dos EUA normalmente não tratam conosco".

Passos — Sobre os próximos passos da diplomacia brasileira, Francisco Rezek considera muito importantes, além do próximo encontro com a CEE em Luxemburgo, as visitas programadas para os próximos meses, como a do primeiro-ministro de Portugal, Cavaco e Silva, ao Brasil, no início de maio e a ida do presidente Collor à Suécia e aos Estados Unidos, em junho. Também admite a possibilidade de uma ida do presidente Collor a nações negras da África ainda no corrente ano.

Sobre a África do Sul, Rezek disse que a política brasileira avança em relação àquele país à medida que ali também avança a política de democratização racial e contra o *apartheid*. Mas em

nenhum momento o Itamarati pensa em "trocar" o bom relacionamento com a África negra pelo estreitamento de relações com o regime sul-africano.

A propósito da África Negra, Rezek debate críticas de que a diplomacia brasileira estivesse tímida em relação ao continente. Ele afirma, inicialmente, que a situação econômica internacional "se foi ruim para a América Latina, foi perversa para a África", prejudicando consideravelmente suas relações com outros países. Lembra, por exemplo, que o intercâmbio Brasil-Nigéria, que já foi de 2,5 bilhões de dólares no passado, caiu hoje para dez por cento disso, mas não por culpa do Brasil mas das circunstâncias internacionais que prejudicaram bastante as nações negras da África.

Por último, o chanceler Francisco Rezek destacou a importância do acordo recentemente assinado em Assunção, que antecipa para 1995 o Mercado Comum do Cone Sul. Lembrou que o acordo original evoluiu rapidamente a partir da adesão tanto das classes econômicas quanto das elites políticas dos países envolvidos, "todos conscientes das vantagens recíprocas da aceleração do processo de integração de nossas economias".